



RELATO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DO ENSINO FUNDAMENTAL III 2010/1

Marili Lando de Moura*

RESUMO

Neste relatório serão abordadas características de uma turma de alfabetização de 1º ano do primeiro segmento de uma escola municipal de Sinop, onde foi realizada a prática docente da disciplina de Estágio Curricular do Ensino Fundamental III do Curso de Pedagogia além do processo de desenvolvimento das práticas docentes, a descrição e análise crítica dos resultados obtidos tanto na docência como no processo de intervenção e as considerações finais. Apresentaremos também as referências bibliográficas de alguns autores, principalmente de Paulo Freire que serviram de suporte para fundamentar este trabalho.

Palavras-chave: Prática Docente. Análise Crítica. Processo de Intervenção.

1 INTRODUÇÃO

Nossa proposta de prática docente se baseia principalmente na proposta educacional de Paulo Freire, renomado educador brasileiro, que defende que a educação vai além dos métodos, técnicas, currículos e metodologias. Este autor dá ênfase às dimensões e relações essencialmente humanas, que estão implicadas na educação e nos processos educacionais ao afirmar que “não há docência sem discência” (FREIRE, 2003, p.23), ou seja, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2003, p.25). Ensinar um aluno, segundo ele, é muito mais que simplesmente transmitir conhecimentos, é criar possibilidades para os alunos construírem seu conhecimento, de forma autônoma e crítica.

Sendo assim nosso objetivo com esta proposta pedagógica com os alunos da EJA do primeiro segmento de uma escola municipal de Sinop, foi de contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem e da construção coletiva da identidade social desses alunos

* Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Estadual do Mato Grosso, Pós-graduanda no Curso de Especialização Docência no Ensino Superior, UNEMAT.

além de nos proporcionar uma experiência rica, como prática docente, onde fomos colocados frente a uma realidade que nos oportunizou um conhecimento da realidade do cotidiano de uma escola e de como acontece e se dá, as relações e as práticas educativas entre professor/aluno, aluno/aluno, professor/professor na escola e na sala de aula e todos os percalços que o educador encontra ao longo de sua jornada de trabalho.

Nesse sentido, sabemos que a prática é de grande importância para a formação do acadêmico enquanto pedagogo e conforme está contido na Matriz curricular do curso, num gesto interpretativo e dialético desta realidade.

2 CADA DEGRAU ALCANÇADO, NOVOS HORIZONTES DESCORTINADOS

2.1 A CARACTERÍSTICA DA TURMA ONDE FOI REALIZADA A DOCÊNCIA

A prática docente ocorreu em uma turma de alfabetização de 1º ano do primeiro segmento de uma escola municipal de Sinop. Nesta turma havia vinte e dois alunos matriculados, porém, os que frequentavam em média eram dez a doze alunos. A sala era homogênea em termos de sexo, faixa etária e nível de aprendizagem. Tínhamos na sala também dois alunos com necessidades educacionais especiais, sendo um com deficiência auditiva e fala e outro com baixa visão.

A maioria dos alunos da sala onde trabalhamos são de origem humilde e bem religiosa, mas a principal característica desta turma é a determinação e a dedicação para aprender a ler e a escrever, pois a maioria trabalha em serviço braçal, que lhes consome muita energia e mesmo assim frequentavam a aula do começo ao fim, ou seja, pessoas guerreiras que merecem vencer na vida.

A maioria da turma está frequentando pela primeira vez a sala de aula e por isso apresentaram muitas dificuldades em ler e escrever e pouca sequência lógica, por exemplo, em colocar os números em ordem, ou nos problemas de matemática. Alguns alunos foram selecionados para o projeto de intervenção, pois não sabiam reconhecer a maioria das letras do alfabeto, conseqüentemente não conseguiam entender a formação das famílias silábicas e relacioná-la a sua pronúncia e menos ainda a formação de palavras.

Analisando os estudos de Emilia Ferreiro identificamos que a turma apresentava três Níveis Silábicos, sendo estes:

- ⤴ Pré-silábico: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada;
- ⤴ Silábico: interpreta a letra à sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra;

- ▲ Silábico-alfabético: mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas.

O que observamos também nesta turma é que eles apresentam característica de copista, ou seja, até sabem copiar as palavras na lousa, mas não conseguem identificar as letras e as palavras aos sons pronunciados, pudemos observar isto quando fizemos um ditado ao invés de escrever a palavra na lousa. Como ensina Emilia Ferreiro (s/d) “Ler não é decifrar, escrever não é copiar”, ou seja, não é porque eles sabem copiar a palavra que eles sabem ler, escrever e entender a mesma.

2.2 DESENVOLVIMENTO DAS PRÁTICAS DOCENTES E A ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os dois primeiros dias na escola foram de observação onde acompanhamos a turma que posteriormente fizemos a docência, com o objetivo de conhecer os alunos e a professora, verificar o desenvolvimento das aulas, como a professora trabalha os conteúdos e quais conteúdos são trabalhados com esses alunos e a relação professor/aluno, aluno/aluno.

Inicialmente houve rejeição de alguns alunos em relação a nossa presença ali na sala. Isso se deu devido a acontecimentos anteriores a nossa prática de docência, e levaram os alunos nesse momento a acreditar que estaríamos ‘tomando o lugar’ da professora de sala, mas depois no dia a dia fomos construindo uma relação de confiabilidade e afetividade com os alunos.

Devido à homogeneidade da turma, procuramos desenvolver atividades que pudesse ser de fácil compreensão e que fizesse parte do cotidiano do aluno e que pudesse propiciar aos alunos reconhecerem-se enquanto cidadãos, possuidores de direitos e deveres dentro da sociedade da qual fazem parte.

Assim sendo, elaboramos atividades que oportunizasse ao aluno ler e escrever apropriando-se da linguagem oral e escrita, além do raciocínio lógico, a estimulação da criatividade e o espírito crítico, oportunizando o debate e a discussão dos mais diversos assuntos, respeitando as diferentes opiniões.

Prezamos também no decorrer da prática docente pela afetividade por acreditarmos que quando não há afetividade nas relações professor-aluno, o professor passa a ser o centro do processo educativo e o aluno como um objeto a ser formado.

Nessa relação, ocorre o que Freire (apud MEDEIROS, 2009) critica como “educação bancária”, um tipo de educação passiva e acrítica imposta aos alunos, na qual a prática

pedagógica se reduz ao ato de depositar, transferir e transmitir valores e conhecimentos.

Ao contrário de desta ‘educação bancária’, procuramos ofertar aos alunos uma construção coletiva do conhecimento, uma troca de conhecimentos entre professor-aluno e aluno-aluno, de modo que pudéssemos motivá-los a buscar e a construir seu próprio conhecimento.

Como afirma FREIRE (2003, p. 61):

A relação professor-aluno em sala de aula deve estar em um mesmo patamar de igualdade, numa relação dialógica, onde ambos aprendem e crescem um com o outro, onde o pensar do aluno não pode ser inibido pelo pensar do professor, mas ser complementado por este. A afetividade permite o fortalecimento do processo dialógico desfazendo a relação de dominação de saberes e o bom senso do professor diminui a distância entre o discurso e a prática, deixando transparecer verdades em seus ensinamentos.

Fomos bastante felizes por primarmos pela afetividade com os alunos, pois além de nos ajudar a conquistar a turma, os mesmo passaram a nos respeitar, a colaborar e participar das atividades e o mais importante para nos foi que eles corresponderam a esta afetividade com mais afetividade.

Para que desenvolvêssemos as atividades foi elaborado um projeto cujo título era: “Cidadãos Críticos e Reflexivos: Uma abordagem pedagógica a partir do cotidiano dos educandos”, sendo este dividido em temas; Trabalho, identidade do aluno e seu cotidiano, Contexto Histórico da Mulher.

Este projeto e os temas foram escolhidos, pensados e fundamentadas nos estudos de Freire (1980) onde afirma que o processo de Alfabetizar pela conscientização passa a exigir sua descodificação pelo processo reflexivo que exigia que se fosse do abstrato (parte) ao concreto (todo) para retornar depois as partes:

A codificação no método toma forma de uma fotografia ou desenho que representa a realidade. A projeção leva os alunos a se distanciarem do objeto cognoscível, passando a refletir sobre o mesmo para a partir dessa descodificação chegar a um nível crítico de conhecimento tendo como base sua experiência no “contexto real” [...]a descodificação é assim, a operação que conduz os sujeitos conhecedores a perceberem as relações entre os elementos da codificação e entre os fatos que a situação real apresenta, relações que antes não eram percebidas. Sujeitos conhecedores a perceberem as relações entre os elementos da codificação e entre os fatos que a situação real apresenta, relações que antes não eram percebidas. (FREIRE, 1980, p. 129).

Também para Freire (1980) por meio da descodificação os homens passam a revelar sua visão de mundo e dela sugerem os temas geradores, reveladores do pensamento sobre sua

realidade, presentes em seu diálogo, declarados pela palavra. Os motivos e aspirações contidos nas temáticas significativas são históricos, como o próprio homem, encarnando a realidade à qual se insere. Freire (1980, p. 33) menciona que a “[...] temática implica na procura do pensamento dos homens...” que são situados.

Com base nos estudos de Freire desenvolvemos atividades onde pudemos propiciar aos alunos a participação em debates e discussões, o conhecimento de seus valores, de seu papel na sociedade como sujeito histórico, que constrói sua história além da reflexão de problemas do seu cotidiano tais como: buscando soluções que beneficiem a si e a sociedade em geral.

Segundo Freire (1980, apud LIMA, 2009, p.01), menciona que a única maneira de ajudar o homem a realizar a sua ‘vocação ontológica’ seria pela substituição da conotação ‘mágica e ingênua’ que possui da realidade, proporcionando-lhe condições de reflexivamente, “[...] descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica.” A educação passa a ser pensada a partir de sujeitos historicamente situados, portadores de experiências ímpares que são o alicerce para a construção do conhecimento.

Ou seja, somente por meio de um distanciamento do homem em relação à realidade vivida, ele apresenta condições para refletir e agir conscientemente no sentido de transformá-la pela ação e reflexão constituindo-se em unidade dialética.

Buscamos desenvolvermos atividades interdisciplinares, trabalhando as disciplinas de Matemática, Português, História e Geografia, relacionando-as aos temas propostos no projeto, utilizando recursos que permitissem ao aluno participar, compreender e reconstruir o conhecimento através do seu cotidiano.

Trabalhamos a leitura de um texto, cujo tema estava relacionado ao tema ‘Trabalho’, deste escolhemos algumas palavras geradoras que foram escritas na lousa instigando o aluno a participar, questionando-os sobre o significado de cada palavra qual conhecimento o mesmo possui acerca da palavra escrita. Nesta mesma atividade realizada, utilizando as mesmas palavras trabalhamos a leitura e a escrita através de separação de sílabas, quantidade de letras, quantidade de consoantes e de vogais além da formação de palavras.

Trabalhamos com as palavras geradoras, pois estas são fontes para reflexão e apropriação do conhecimento ampliado, uma vez que, simultaneamente, transforma alfabetizador, alfabetizando e conseqüentemente a comunidade.

Outra atividade proposta foi trabalhar o calendário todos os dias explorando o máximo de informações ali contidas. Como recursos pedagógicos, utilizamos letras de música, por consideramos que a música é importante, por ser uma linguagem, além de cantar a música

propicia a interação, socialização e leitura, a letra da música pode instigar o aluno uma reflexão crítica voltada ao seu dia a dia. Do texto retiramos outras palavras que iniciassem com a letra T, onde trabalhamos palavras e grafia.

Não obtivemos os resultados esperados devido à maioria apresentarem dificuldades na leitura e na escrita, apresentando características de copistas. Dois alunos apresentaram dificuldades até mesmo em reconhecer as letras, ou seja, não estão nem na fase pré-silábica, pois não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada. Trabalhamos esta dificuldade do aluno no processo de intervenção e na docência. De acordo com Ferreiro (1979, p. 22):

Diagnosticar o nível de conhecimento dos alunos, antes do processo de alfabetização, é uma condição indispensável ao sucesso do procedimento. Ao identificar em qual etapa do processo o aluno se encontra os conhecimentos que eles já trazem e o seu repertório de vida, o educador tem condição de melhor selecionar suas estratégias de ensino, aplicando metodologia eficaz e eficiente através da promoção de práticas sociais da leitura e da escrita.

Com certeza a falta do diagnóstico com a turma antes de começarmos a desenvolver as atividades fez falta, pois presumimos que eles já sabiam ler e escrever e ao chegarmos à sala após conhecermos a realidade verificamos que a realidade era outra.

Na matemática desenvolvemos atividades que oportunizassem aos alunos refletir, estimular o raciocínio lógico através do seu cotidiano, de suas experiências. Para isso utilizamos recursos com panfletos distribuídos pelas redes de supermercados da cidade que continham informações de preços dos mais variados produtos para que eles relacionassem os conhecimentos ali proporcionados com o seu cotidiano. Também trabalhamos atividades de situações problemas que envolvesse operações de adição e subtração, bem como a tabuada utilizando o material dourado.

Estas atividades foram escolhidas com o objetivo de proporcionar aos alunos conhecimentos que se aproximassem ao máximo de sua realidade. Segundo Freire (1987, p.25) “É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. Ou seja, proporcionar aos alunos conhecimentos que ele possa utilizar no seu dia a dia, tendo assim maior interesse em aprender.

Houve participação e interesse por parte dos alunos nas atividades propostas, mas não obtivemos os resultados esperados, visto que a maioria apresentou dificuldades que foram desde uma seqüência lógica dos números até mesmo em estruturar e desenvolver as operações

de adição e subtração. Destes quatro alunos estavam em situação bastante preocupante quanto ao nível de aprendizagem, sendo assim foram selecionados para participarem do processo de intervenção.

Devido a esta dificuldade dos alunos tivemos que modificar nossos planos de aula da disciplina de matemática de modo a nos adaptar a realidade ali apresentada em sala de aula, buscando desenvolver atividades que possibilitasse ao aluno uma maior compreensão e aprendizagem.

Para trabalhar o tema Identidade do Aluno e seu Cotidiano, levamos uma atividade que trouxe a importância do nome e sobrenome e a partir daí desenvolvemos a leitura, escrita e conhecimento mais aprofundado dos números. A partir deste tema e através de um texto construído por nós acadêmicos trouxemos dados coletados no primeiro dia de aula quando da apresentação de cada aluno, anotamos informações por eles fornecidas tais como: Estado de origem, profissão, idade, nome e sobrenome, tempo de moradia em Sinop, motivação para o estudo entre outros.

A finalidade que pretendíamos com este texto era trazer um pouco da história de vida do aluno, fazendo-o se reconhecer como sujeito histórico, capaz de escrever sua própria história e deste modo podendo incentivá-los e elevar sua auto-estima, visto que os alunos do Ensino Jovens e Adultos- EJA em sua maioria possuem uma baixo-auto-estima.

Esperávamos poder desenvolver mais atividades de leitura compartilhada com os alunos, mas infelizmente todos da sala apresentaram dificuldades de leitura por não conseguirem reconhecer letras, famílias silábicas e/ou a formação das palavras.

Kramer (1999, p. 178), descreve bem a importância da leitura onde diz:

Quando penso na leitura como experiência (na escola, na sala de aula, ou fora delas), refiro-me a momentos onde fazemos comentários sobre os livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. Enfim, situações onde tal como uma viagem, uma aventura fale-se de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura é compartilhada e onde, tanto quem lê, quanto quem proporcionou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Para que pudéssemos desenvolver as atividades tivemos que numerar e ler com eles linha por linha, pois inicialmente tínhamos planejado separá-los em duplas ou trios para que eles lessem sozinhos o texto e fossem se ajudando até que todos conseguisse ler o texto e depois faríamos uma leitura coletiva, mas devido as dificuldades modificamos a atividade fazendo somente a leitura coletiva, linha por linha, bem devagar para que todos pudessem

acompanhar, mas mesmo assim nem todos conseguiram acompanhar a leitura.

Exploramos atividades que envolvessem as disciplinas de História e Geografia. Trabalhamos algumas regiões brasileiras que estivessem relacionadas aos estados de origem dos alunos, tais como: Pará, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso. Destes estados, pesquisamos e trouxemos textos e imagens culturais, comida típica, folclore onde foi valorizada a participação e a fala do aluno desenvolvendo atividades de leitura e escrita acerca dos estados.

Preparamos esta atividade com um toque especial pois, como estávamos trabalhando a interdisciplinaridade entre as disciplinas de História e Geografia. O conteúdo trabalhado foi os estados brasileiros, destacando os estados de origem da maioria dos alunos em complemento a atividade anterior.

Para desenvolvermos uma aula diferenciada fomos caracterizadas com roupas típicas representando os 3 estados do Sul e o estado do Mato Grosso. Trabalhamos a leitura de textos que falavam sobre características dos estados Mato Grosso, Santa Catarina, Paraná e Pará. Estes estados foram escolhidos, pois representa a maioria dos estados de origem dos alunos da turma.

Esta aula teve muitos pontos positivos, pois houve participação de todos os alunos, onde estes se mostraram bastante motivados com o tema, falando sobre peculiaridades de seus estados de origem, colaborando para enriquecer o tema ali proposto.

Percebemos nitidamente que quando trabalhamos com temas geradores, ou seja, da realidade dos alunos, da história de vida, eles respondem de forma positiva, há motivação e interação entre todos.

Devido à data comemorativa alusiva ao Dia das Mães, desenvolvemos uma atividade que pode desse proporcionar ao aluno acerca do tema desenvolver a escrita, a oralidade, a criatividade através da música, do cantar e para que o aluno pudesse de expressar-nos mais diferentes sentimentos. Trabalhamos novamente palavras geradoras, palavras retiradas da música cantada. Realizamos na lousa, com a participação dos alunos separação de sílabas, famílias silábicas e construção de novas palavras.

Em seqüência trabalhamos também o tema: O papel histórico da mulher na sociedade; passado, evolução, conquistas. Fizemos um breve retrospecto sobre a importância do papel que a mulheres teve e tem na história social. Após isto abrimos para discussões e reflexões sobre o tema e houve participação da maioria da turma onde expuseram suas opiniões tais como: a mulher antigamente não tinha muita liberdade de expressão, não votava, não era valorizada na suas atividade, era submissa ao marido, somente o esposo decidia as coisas,

somente ele colocava dinheiro dentro de casa entre outras questões.

A partir do tema trabalhamos com palavras geradoras, na lousa, fazendo a separação de sílabas, o significado e a pronúncia das palavras. Dois alunos continuaram apresentando dificuldades em desenvolver as atividades, ao qual trabalhamos as dificuldades dos mesmos no processo de intervenção.

3 UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

O projeto de intervenção aconteceu após os dias de docência onde observando os alunos percebemos que alguns deles demonstravam dificuldade maior que os outros na alfabetização e com isso selecionamos estes alunos para o projeto de intervenção que faz parte do Estágio Curricular.

Nesse sentido fez-se necessário intervir junto a estes no processo de alfabetização tanto no sentido do letramento quanto da linguagem matemática. Observamos durante a aplicação das atividades no período de docência, que estes alunos selecionados demonstravam estarem na fase pré-silábica, eles não conseguiam associar as letras aos sons das palavras, não percebiam essa correspondência.

Segundo afirma Grossi (1990, p. 44):

Em síntese, o nível pré-silábico se caracteriza pela caminhada em dois grandes trilhos paralelos: um deles é o do reconhecimento de que letras desempenham um papel na escrita, e outro é o da compreensão ampla da vinculação do discurso oral com o texto escrito.

Na sala de aula, nos dias de docência nossa preocupação foi em realizar atividades que envolvessem os alunos com temas que provocassem neles discussões, debates, reflexões acerca do tema. Entretanto, atividades com leitura compartilhada e ditado de palavras infelizmente estes alunos não conseguiram acompanhar, pois demonstraram dificuldades de reconhecer letras, escrever e ler.

Desta maneira, na intervenção, iniciamos o desenvolvimento das atividades trabalhando o alfabeto com os mais diversos recursos tais como alfabeto móvel, fichas, palavras e figuras, bingo de palavras entre outros.

Procuramos levar atividades que envolvessem a história de vidas deles, a sua realidade, seu nome, sobrenome, objetos que fazem parte de sua casa, do seu trabalho. Trabalhamos também a formação das famílias silábicas, a confirmação das palavras, sons, das

palavras, utilizando para isso as fichas construídas com as famílias silábicas.

Todo o material foi pensado e construído de forma clara, preocupando-se com a parte visual, para que pudesse possibilitar ao aluno compreender e relacionar a palavra com o objeto e assim o aluno tivesse um conhecimento e entendimento melhor na aprendizagem das letras.

Outro ponto fundamental na intervenção foi trabalhar a disciplina de Matemática, pois na prática da docência verificamos que estes alunos demonstravam dificuldades na compreensão da seqüência lógica dos números.

A partir desta dificuldade nossa proposta na elaboração das atividades, foi a construção de conceitos através de atividades diversificadas e significativas partindo da realidade do aluno, do seu dia a dia e da observação realizada anteriormente relativo ao nível de aprendizagem apresentado.

Nas atividades propostas procuramos desenvolver a relação entre o conhecimento matemático que ele já possuía como: o de realizar adição e subtração somente “de cabeça”, contar dinheiro, conferir o troco; com a resolução das situações problemas elaboradas por nós para exercitar o raciocínio lógico. Como nos afirma Pereira (1997, p. 17): “Conhecimento matemático é entendido como uma “ferramenta que o homem utiliza pra enfrentar situações problemas comuns da vida cotidiana; como instrumento útil para entender o funcionamento das coisas e tomar atitudes diante delas”.

Ou seja, ensinar a partir de um conhecimento significativo e não por decoreba, por obrigação, por pressão. Para o desenvolvimento das atividades utilizamos vários recursos tais como: palitos de picolé, números móveis, material dourado, grãos de feijões. As atividades foram elaboradas a partir de situações, problemas, como comprar no supermercado, ou lojas, ou de trabalharmos os números, o valor que estes têm e junto com isso as operações de adição e subtração.

Acreditamos que foi bem válida as atividades, pois observamos que os alunos demonstravam estar assimilando o conhecimento ali trabalhado. Houve motivação, interesse por parte deles em aprender e a resolver os problemas.

Foi bem prazeroso porque o fato de trabalhar com um menor número de alunos possibilitaram que dedicássemos e focássemos nas dificuldades dos mesmos. Tanto que observamos as dificuldades que eles mais apresentavam e no dia seguinte procurávamos suprir estas dificuldades com atividades diferenciadas. Visto que cada aluno aprende em tempos diferentes, de formas diferentes.

3 CONCLUSÃO

Embora tenhamos encontrado e passado por dificuldades que é comum encontrar no decorrer do processo de estágio, ou seja, da realização da prática de docência, podemos afirmar que foi uma experiência única, gratificante onde construímos uma história junto aqueles alunos, aprendemos com eles e eles com conosco.

Fomos muito bem acolhidas, deixando de lado a questão de que somente uma pessoa não nos aceitou no início, mas depois tudo se ajustou. Recebemos muitas colaborações por parte de professores e da escola. Os alunos foram bastante afetuosos conosco. Trocamos conhecimentos e experiências.

Foram dias de dedicação e comprometimento pois percebemos que esses alunos eram especiais, pela humildade e motivação que eles trazem consigo. Uma turma que com certeza sempre ficarão em nossas recordações e coração.

Tivemos muitos pontos positivos, nossa dedicação não passou despercebida já que houve o retorno dos alunos. Eles demonstravam todos os dias o quanto estava satisfeitos com o nosso trabalho. Algumas vezes eles diziam: “Vocês vão ficar até quando? Vocês vão voltar? No ano que vem vocês vão vir dar aula pra gente como professoras de sala?”. Muitas vezes, ficamos até emocionadas com tanta declaração de agradecimento.

Houve alunos que se apegaram tanto a gente que até choro teve na despedida. Não nos comportamos diferente, ficamos emocionadas com tanta demonstração de carinho. Isso é o diferencial. Isso é que nos torna mais seguras, mas motivadas a continuar. Ouvíamos eles dizer: “nossas professoras Marili e Karina, se vocês continuassem com a gente mais tempo, ensinando desta forma, a gente ia ler e escrever logo”.

Gostaria de registrar que alguns momentos tivemos também que ter “jogo de cintura”, saber reconhecer que não deu certo, aceitar a opinião deles, a vontade deles, ter humildade para saber mudar as coisas. Falamos de algumas atividades propostas que preparávamos com um objetivo e que ao aplicar a mesma percebemos que não dava certo, ou o grau de dificuldade para eles era maior que esperávamos.

As atividades muitas vezes não estavam dentro da realidade deles, eles demonstravam ser copista e a professora da turma tinha métodos que mesclava entre tradicionalista construtivista, o que criou certa resistência a nossa proposta de ensino somente sócio-construtivista.

Outro apontamento observado por nós foi o de que eles não demonstravam motivação para participar de dinâmicas. Tentamos por algumas vezes levar dinâmicas de grupo.

Preparamos uma aula com ditados populares, musicas, parlendas, contos, versos, com atividade que envolvesse mais a expressividade deles, mas eles não demonstravam interesse pela aula, inclusive tivemos que modificar um pouco o que havíamos planejado, pois o que eles queriam era que a acadêmica Marili falasse e explicasse a eles sobre IPTU, como é cobrado entre outras coisas, visto que eles sabiam que ela trabalhava na prefeitura e pediram para ela sanar algumas duvidas deles neste sentido.

Então podemos dizer que entendemos que é assim mesmo que deve o professor agir, ser flexível. Sabemos que a construção do conhecimento acontece quando há uma troca entre professor/aluno. Que o professor precisa oportunizar ao aluno a participação, a dar opinião, a discutir.

Tentamos também levar textos a cerca dos temas escolhidos por nós pensados no projeto de docência. A intenção era ler com eles, e fazer uma reflexão, realizar debates. Não foi possível também devido à dificuldade que eles demonstraram com a leitura.

Tivemos com uma aluna problemas no sentido da aceitação do método que usávamos para mediar a aprendizagem das aulas. Ela declarou que a professora de sala passava diferente para eles. Após conversa, houve entendimento, cedemos também para que tudo ficasse da melhor maneira possível, já que nossa intenção ali não era de criar dificuldades, mas mediar conhecimentos novos, criar condições para que eles aprendessem e ajudá-los a refletir sobre seu papel dentro de uma sociedade.

Estar com eles todos esses dias foi uma experiência maravilhosa, aprendemos com a prática, crescemos, amadurecemos idéias que estavam somente na teoria, criamos vínculos de amizade. Para que isso tudo acontecesse foi necessária muita paciência, dedicação, determinação, compreender ao menos um pouco da realidade de cada aluno, saber que cada um é diferente, que trás um conhecimento diferente, que tem uma historia de vida diferente.

Acreditamos que o tempo dedicado a intervenção foi pouco. Poderíamos trabalhar aprofundando mais as atividades e conseqüentemente teríamos resultados maiores e melhores. Nossa sugestão é de que nos próximos estágios o tempo de intervenção seja maior, pois trabalhar com um número menor de alunos dá maior resultado. O educador pode dar uma atenção individual àquele aluno, pois há uma concentração maior em cima das dificuldades do aluno.

Na turma que trabalhamos a docência e posterior intervenção faziam parte dois alunos com necessidades educacionais especiais: uma senhora com baixa visão e um aluno com deficiência auditiva e de fala (DAF). Tivemos dificuldades na elaboração das atividades para os mesmo e fomos cobrados por isto, pela interprete do aluno com DAF.

Na verdade acreditamos termos falhado em relação a esses dois alunos, pois não fomos preparadas para este tipo de situação. O curso não ofereceu preparação para lidar com esses alunos, só tivemos um pouco de teoria. Não tivemos metodologias de ensino para aluno especial, para a tão falada inclusão. Somente agora no oitavo semestre é que vamos ter uma disciplina que poderia ter nos ajudado durante a docência, libras.

Por fim, acreditamos que se não fizemos com dedicação, oferecendo o melhor de nós, com carinho, com amor não teríamos nenhum aproveitamento deste estágio. Estagiar na EJA foi maravilha, nossa opinião nesse sentido é de que ficamos apaixonados por eles. São carinhosos, eles tem o conhecimento do mundo, tem histórias, possuem motivação e vontade de aprender.

Sabemos das dificuldades que eles enfrentam todos os dias para estarem ali. Muitos levantam quatro horas da manhã para trabalhar em madeireiras, trabalho pesado, no sol, na chuva e a noite vão para a escola em busca do saber. Eles têm sede desse saber, sabem que precisam aprender ler e escrever para tornar suas vidas melhores. Muitos ali têm sonhos, querem melhorar de vida. Muitos vieram de regiões distantes, não tiveram a oportunidade de estudar quando jovens. São determinados e corajosos.

Tudo isso nos fez também parar e pensar: E nós? Qual desafio tem pela frente? O que podemos fazer enquanto Pedagogos? Como podemos contribuir com essas pessoas?

Terminamos declarando que foram momentos vividos de muitas alegrias, de emoções, momentos prazerosos que com certeza contribuíram para nossa formação. Nossas palavras são simples, simples como nós, simples como aqueles alunos, mas com certeza são verdadeiras e ficará sempre em nossos corações.

REPORT OF SUPERVISED CURRICULUM TRAINING OF THE ELEMENTARY SCHOOL

ABSTRACT¹

In this report will be addressed features a class of literacy of first grade from a municipal elementary school in Sinop, where it was held teaching practice the discipline of stage curriculum of basic education III from the Pedagogy Course. It reports the process of

¹ Transcrição realizada pela acadêmica Daiane Freitas Costa, do Curso de Letras – UNEMAT/Sinop e revisão pela professora Leandra Ines Seganfredo Santos, da UNEMAT – Sinop/MT. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

the teaching practice development, the description the critical analysis of results obtained both academic like in the process of intervention and the final considerations. It also presents the bibliographical references from some authors, mainly Paulo Freire's what served to support this work.

Keywords: Teaching Practice, Critical Analysis, Intervention Process.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: 1980. (s/e)

_____. **Pedagogia do oprimido.** 34.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FERREIRO, Emília: **Alfabetização em Processo.** São Paulo: Cortez, 1987. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6770792/Emilia-Ferreiro>>. Acesso em: 15 maio 2010.

_____; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Rio de Janeiro: Artmed, 1979.

GROSS, Esther Pillar. **Didática do Nível Pré-Silábico:** Didática da Alfabetização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. v. 1.

PEREIRA, José Alberto. **Currículo, Conhecimento e Suas Representações.** Campinas: Papyrus, 1997.